

EJA E MULHERES: OS MOTIVOS E OBJETIVOS DO RETORNO DAS MULHERES À ESCOLA NA EJA UNIDADE DE URUSSANGA-SC

CITTADIN, Diego¹
BADALOTTI, Greisse Moser²

RESUMO

A presença maciça das mulheres na EJA é algo recente, porém, somente a presença das mulheres não é garantia de permanência e êxito delas na EJA. Identificar quais os objetivos das alunas na EJA de Urussanga quando do retorno ou ingresso no sistema escolar é fato importante para percepção se o êxito dessas mulheres com seu retorno está sendo alcançado e tentar garantir sua permanência. Este artigo tem por objetivo conhecer as condições da realidade das mulheres que frequentam a EJA, unidade de Urussanga, descrevendo os motivos pelos quais voltaram ao sistema escolar e sugestões que contribuam para evitar a repetição de situações anteriores, como a evasão e, em contrapartida, colaborem para a solidificação da presença delas na modalidade, assim como, perceber quais os seus objetivos para alcançarem o êxito por elas definido. Para alcançar esses objetivos o estudo teve sua sustentação na pesquisa com abordagem qualitativa e quantitativa, partindo de um estudo bibliográfico sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, focando na presença do sexo feminino nesta modalidade de ensino e, posteriormente, na pesquisa de opinião direta aos frequentadores (questionário) do sexo feminino da EJA de Urussanga. A primeira parte desse trabalho aborda algumas observações sobre a situação da educação no Brasil, um breve histórico da EJA e a relação das Mulheres com a EJA. Posteriormente o estudo apresenta os dados resultantes do questionário aplicado onde se refere à realidade das alunas frequentadoras da EJA unidade de Urussanga, onde os resultados apresentam que os motivos das mulheres no retorno na EJA, estão principalmente, relacionados ao complemento do ensino básico para posteriormente arranjar um emprego ou um emprego melhor. As mulheres também apresentaram como motivo do retorno o êxito pessoal, o incentivo da família e o exemplo para os filhos. O estudo da realidade dessas mulheres com base bibliográfica e de opinião direta, é relevante, teoricamente, pois oferece acesso a estudos precedentes relacionados à EJA e de relevância social, quando possibilita a tomada de atitudes por parte da escola e comunidade que podem garantir a permanência e êxito dos estudantes na EJA.

Palavras chave: EJA. Mulheres. Objetivo. Motivo. Permanência.

1 INTRODUÇÃO

É de extrema importância para a escola entender quais os motivos levaram os alunos que frequentam a EJA a interromperem seus estudos em algum momento da vida, assim como, saber quais os objetivos do retorno. Quando da percepção destes motivos e objetivos a escola poderá efetuar um planejamento específico que atenda as necessidades reais dos educandos. Um estudo deste tipo será capaz de levantar dados e possibilitar a quebra do paradigma de que quem procura a escola busca apenas o certificado e a conclusão formal dos estudos.

¹ Acadêmico do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Profissional integrada à Educação básica na modalidade PROEJA – IFSC - Email: diegocittadin@hotmail.com

² Professora orientadora Instituto Federal de Santa Catarina. Email: gremoser@yahoo.com.br

Além de proporcionar a escola elaboração de um planejamento, o levantamento de dados possibilita uma aproximação do aluno com a escola, onde a escola poderá conhecer um pouco mais de seu aluno. Outro fator a ser percebido é que uma escola não atraente e sem sentido para o frequentador provoca a evasão. A evasão escolar é um dos vários problemas enfrentados pela educação brasileira. Mesmo percebendo a evasão como um fracasso do sistema escolar, ela se concretiza quando o aluno abandona as aulas no decorrer do ano letivo.

Arroyo (2007) já dizia que a EJA é marcada por negações. São esses indivíduos evadidos ou negados do ensino regular que serão frequentadores da EJA, posteriormente. Esse fato é que possibilita a tomada de medidas para que o mesmo fenômeno não ocorra novamente com estes indivíduos.

Essa evasão escolar anterior aliada a outros fatores, como a falta de preparo didático dos professores, proporciona o distanciamento do aluno e possivelmente sua desistência durante o ano letivo. Sobre a falta de preparo didático do professor, Oliveira (2001) alerta que as situações de aprendizagem apresentadas não podem ser as mesmas do ensino regular, uma vez que os adultos possuem habilidades e dificuldades específicas, e uma capacidade maior de reflexão sobre si mesmo e o seu próprio processo de aprendizagem.

Arroyo (2003, p.20) reforça “que não será possível ensinar para participação, desalienação e libertação de classe com os mesmos livros didáticos, a mesma estrutura e a mesma relação pedagógica com que se ensinaram a ignorância e a submissão de classe”.

Um dos desafios da escola atual é tentar garantir a permanência dos jovens e adultos no seu retorno ao sistema formal de educação, sua posterior conclusão da educação básica e futura entrada no sistema de ensino superior, para aqueles que assim desejam, é claro.

Não podemos esquecer também que alguns alunos não desistem somente por questões pedagógicas, desistem também por questões objetivas ou subjetivas, de gênero, de preconceito, de trabalho, por exemplo. “Alguns param de estudar, pois, atingem seus objetivos, como o ato de assinar seu próprio nome ou aprender a ler e escrever.” (GONÇALVES, 2014. p.14)

Numa análise das matrículas efetuadas para o primeiro semestre do ano letivo de 2015, na EJA unidade de Urussanga-SC, se constatou a quantidade de 37 alunos do sexo feminino. Cada uma destas mulheres tem seus motivos que levaram a interromper/abandonar a trajetória escolar na infância e/ou adolescência e busca por uma nova chance na EJA.

Para entendermos os motivos do abandono e do retorno, assim como tentar garantir a permanência, se torna necessário perceber o cotidiano dos alunos e considerar sua vivência. Cardoso e Ferreira (2012) destacam:

É importante conhecer a vida dos alunos, os hábitos de vivência dos mesmos, suas experiências no cotidiano e, a partir daí, construir um projeto de ensino que atenda suas reais necessidades. Muitos desses alunos que a escola recebe vivem uma trajetória escolar cheia de idas e vindas, alguns até mesmo frequentam a escola desde criança e, por razões diversas, acabaram abandonando os estudos e, depois de adultos, retornaram. (Cardoso, Ferreira, 2012, p.63)

Diante da responsabilidade de todos participantes da EJA em garantir e solidificar a presença dos frequentadores, é que uma pesquisa analisando os motivos e objetivos da volta à escola das mulheres, descrevendo os motivos pelos quais voltaram ao sistema escolar e sugestões que contribuam para evitar a repetição de situações anteriores, como a evasão e percebendo quais os seus objetivos para alcançarem o êxito por elas definido, servirá como base para que novos métodos, principalmente pedagógicos e didáticos, sejam traçados, buscando garantir a solidificação e permanência delas na EJA.

As ponderações apresentadas a seguir neste artigo trarão um breve relato da situação atual da educação brasileira, da história da EJA, a relação das mulheres com a EJA e os resultados do questionário aplicado as mulheres da EJA unidade de Urussanga, apresentando os principais dados sobre seus objetivos do retorno a rotina escolar. Ao final serão apresentados as considerações apontando resultados, possíveis contribuições e limitações da pesquisa.

2. A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

A educação no Brasil possui um histórico sinuoso. Esta sinuosidade reflete em índices que demonstram problemas mais graves em relação a outros países. Um desses problemas se refere a investimento e, conseqüentemente, qualidade no ensino. Para ilustrar, enquanto nossa economia figura entre as dez melhores do mundo, a educação tem a colocação oposta, aparecendo entre os piores. De acordo com o Education at a Glance (EAG) 2014 (Educação em revista – tradução livre) o Brasil utilizou anualmente de recurso público em educação por aluno US\$ 2.985 (R\$ 6.74) enquanto os países da OCDE investem US\$ 8.952 (R\$ 20.23). Esse investimento significa um terço do que é investido, em média, pelos países da Organização para a Cooperação Desenvolvimento Econômico (OCDE)³.

³ Dados retirados do relatório da OECD de 2014. Disponível em: <http://www.oecd.org/edu/Education-at-a-Glance-2014.pdf>

Essa falta de investimento do governo aliada a professores despreparados, evasão, escolas sucateadas, alunos em situação social de risco, para citar alguns, podem ser considerados motivos pelos vários casos de insucesso da educação no Brasil.

Além dos problemas estruturais, é repassado a educação, atribuições e deveres que em alguns momentos aparentam tornar ela como único meio salvador da pátria. São várias as atribuições delegadas à escola, onde a mesma adquiriu o caráter de ser única responsável pela educação, sendo esquecido em alguns momentos o papel do restante da sociedade, da família por exemplo. Freire (2000, p.67) discorre “[...] se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda [...]”.

O significado de educação e o papel do sistema escolar é algo amplo que ultrapassa a formação acadêmica didática, pois é papel da escola trabalhar o cognitivo, mas também apresentar e preparar o indivíduo para a vida social e o mundo do trabalho. Se tratando da EJA essas funções do sistema escolar são ainda mais evidenciadas, já que o público frequentador, em sua maioria, deposita todas as suas forças e foca seus objetivos nessa nova oportunidade de inserção ao sistema escolar e social.

Outro ponto a ser percebido e repensado em relação à educação no Brasil é a diversidade do público frequentador. Essa diversidade deve ser considerada e entendida para que os participantes não sejam vistos como possuidores de uma história única. Na EJA, o público também é diverso. “Estes são sujeitos da diversidade, diversidade esta étnica, monetária e de objetivos e considerá-los como um grupo homogêneo, pessoas pouco escolarizadas, aceitar que todos são iguais se torna um problema.” (KERN, 2014, p. 25). Sendo a EJA em alguns momentos considerada como último recurso para uma participação na vida escolar, a evasão se torna um item de extrema importância a ser discutido e pesquisado. Entender e identificar os motivos pelos quais os alunos abandonam a nova ou única possibilidade de participar do ambiente educacional como alunos é algo indispensável.

Nesse sentido “penso que a reconfiguração da EJA não pode começar por perguntar-nos pelo seu lugar no sistema de educação e menos pelo seu lugar nas modalidades de ensino. (...) O ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos.” (ARROYO, 2006, p.22). Essa reconfiguração está ligada a evolução da EJA e que pode ser percebido numa análise do seu histórico.

2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA

A EJA surge como um instrumento capaz de oferecer a seu público alvo a possibilidade de acesso a conhecimento, competências, informação, direitos e principalmente o sentimento de sujeito participativo na sociedade. “A educação nos oferece condições para a crítica [...] dos direitos individuais e coletivos e prepara o indivíduo para interagir politicamente, exercendo a condição transformadora do conhecimento [...]” (RAMOS; BREZINSKI, 2014, p. 09).

O conhecimento é a peça fundamental na sociedade moderna e a EJA é o conjunto de aprendizagens formais ou não formais dos indivíduos que enriquecem seus conhecimentos e habilita suas competências a fim de atender suas necessidades em função que a sociedade lhe impõe. (ARROYO, 2003, p. 12)

Historicamente, a educação é citada nas constituições de 1824, 1891, 1934, 1946, 1988, por exemplo, onde em suas linhas é apresentada a garantia de educação a todos. Essa referência de educação para todos cria uma sensação de que se a Lei determina, logo é cumprida. Sendo o acesso garantido para todos, a EJA é incluída e seu debate é realizado desde o tempo do vigor das referidas Leis. “É importante destacar aqui a distância entre a legislação e sua efetivação, pois a existência da legislação não significa efetivamente a garantia do direito.” (RAMOS; BREZINSKI, 2014, p. 36).

A prática da educação para jovens e adultos teve seu início na colonização desenvolvida desde a colonização portuguesa no Brasil, com os Jesuítas, os quais ensinavam através da religião. Já a EJA como modalidade de ensino reconhecida, ganha força com os seus marcos legais a partir de 1980, tendo um caráter inclusivo e como política social, sendo o seu público alvo, os indivíduos que por algum motivo não puderam concluir seus estudos na idade ordinária e convencional,

Em relação aos marcos legais e a legislação atual, que tratam da EJA, temos como referências os seguintes documentos: a Constituição de 1988; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996); o Parecer n. 11/2000; a Resolução n. 01/2000 e a Resolução n. 3/2010, o que comprova que a formatação da EJA é relativamente recente, merecendo destaque e relevantes discussões atuais (RAMOS; BREZINSKI, 2014, p. 35).

Faltou uma finalização do tópico e introdução para o próximo tema.

3. EJA E MULHERES

As mulheres, historicamente foram sujeitos marginalizados socialmente, onde garantias de direitos e participação efetiva na sociedade foram conquistas recentes. No que toca a educação, a situação não difere.

Valle (2010. p.36) observa:

Vale ressaltar-que as mulheres são historicamente excluídas da escola não só pela necessidade de trabalhar, pelas condições financeiras ou indisponibilidade de vagas, ou ainda pelo insucesso na escola, mas também por razões culturais referenciadas nas relações de gênero: “mulher não precisa estudar”.

Especificamente na educação brasileira a inserção das mulheres, ressaltando que as mulheres enquanto sujeitos também não são um grupo homogêneo, na educação tem seu início no período imperial. “Durante séculos as mulheres estiveram submetidas à estrutura patriarcal [...] e começou a mudar no século XIX, quando a educação feminina começou a ser associada à modernização da sociedade, à higienização da família [...]” (LEONCY, 2013. p.8).

Mesmo essa mudança no século XIX não garantiu uma participação efetiva das mulheres no sistema educacional. Para Carvalho (1999, p 22), “a incorporação da mulher no sistema educacional brasileiro é recente [...] nos últimos trinta anos que a mulher vem se beneficiando da lenta expansão e democratização do acesso à escola [...]”.

Com base nesta percepção de possibilidade de acesso ao sistema educacional e posteriormente ao mercado de trabalho a EJA surge como uma oportunidade às mulheres. Este aumento pode ser exemplificado de acordo com a pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD) de 2012, onde 53.4 % dos alunos matriculados no ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) eram mulheres.

3.1 OS OBJETIVOS DAS MULHERES NO RETORNO A ESCOLA

A volta à rotina escolar por parte das mulheres apresenta objetivos individuais e distintos, desta forma, os êxitos também serão distintos e individuais. Gonçalves (2014. p.11) aponta que “os alunos têm objetivos diferentes para entrar, permanecer e concluir ou não a escola e o objetivo principal, não é necessariamente, a busca por certificações ou conclusão formal”.

São vários os motivos e objetivos do retorno à escola por parte das mulheres, algumas para adquirir conhecimento, garantir melhor emprego, ser contratada, não perder o emprego, conhecer novas pessoas, buscar melhores condições de vida para si e sua família. Leão (2006, p.36) reforça que “a escola é uma experiência em que entram em ações valores, projetos de vida, expectativas [...]” e atenta ainda que “[...] a motivação do jovem diante da escola se dará em face da forma como cada um elabora sua experiência de crescer em meio à desigualdade social e do significado que a educação irá adquirir em sua vida.”

Atentando para alguns dos motivos citados anteriormente para o retorno ou busca pela escolarização em fase adulta das mulheres, focamos no que está relacionado ao mercado de trabalho. Diante da busca por iguais condições sociais as mulheres adentram ao mercado de trabalho e em determinado momento é exigido delas uma qualificação da mão de obra, seja braçal ou intelectual. Oro, Weschenfelder e Stecanela (2010. p. 8) descrevem que:

A inserção das mulheres no mercado de trabalho traz consigo uma mudança no modo em que elas passam a se relacionar com a escolarização. A pressão das mulheres pela conquista de igualdades, relacionadas a cargos e salários, vem acompanhada pela qualificação profissional, mesmo que atuem em funções que ela não seja necessária, o mínimo que se obriga é o término da escolarização obrigatória.

Outros motivos ou objetivos de retorno bastante comuns estão ligados à alfabetização, ao sentimento de sujeito atuante, necessidade básica de assinar o seu próprio nome, a solidão da casa. Rieger e Jesus (2011. p. 168):

Uma característica frequente das mulheres que ingressam numa sala de EJA é sua baixa auto estima muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar, ou até mesmo a solidão de ficar em casa enquanto os outros membros da casa estão estudando, ou trabalhando, quando retornam estão cansados e não lhe dão a atenção devida. Essas mulheres retornam à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada expressando sentimentos de insegurança e desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem.

Nesta mesma linha de raciocínio, especificamente as mulheres quando voltam a estudar ou ingressam pela primeira vez, propiciam a si a chance da libertação de identidade, expressão, sentimento de sujeito ativo e emancipador.

Freire (1990 apud RIEGER, JESUS. 2011. p. 167) afirma:

Mas a libertação das mulheres é a luta delas. Elas precisam criar sua própria língua. Tem de exaltar as características femininas de sua língua, apesar de terem sido socializadas para dissimulá-la e para encará-la como fraca e indecisa. No processo de sua luta, tem que usar sua própria língua e não língua dos homens. Creio que essas variações de língua (língua feminina, língua étnica, dialetos) estão intimamente interligadas com a identidade, coincidem com ela e são sua expressão. Ajudam a preservar o senso de identidade e são absolutamente necessárias no processo da luta pela libertação.

Percebendo essa diversidade de motivos e objetivos de retorno a escola por parte das mulheres, devemos considerar a afirmação de Rieger e Jesus (2011. p. 168) que “as mulheres buscam na escola mais do que conteúdos prontos a serem reproduzidos, como cidadãs elas

querem se sentir ativas e participativas e algumas sonham em conseguir frequentar uma faculdade.”

Essa pluralidade de objetivos de retorno ao sistema escolar exige da escola uma mudança. Mudança essa em todos os seus campos, porém, focando principalmente na forma de ensinar e aprender. O desenvolvimento de atividades educacionais não deve ter, exclusivamente, como foco os conhecimentos específicos da disciplina. Deve-se considerar outras possibilidades que não sejam ensinar esses conteúdos e trabalhar aspectos relacionados à cidadania é um deles. Nesse sentido, explorar estratégias pedagógicas em diferentes ambientes de aprendizagem pode se apresentar como uma interessante alternativa para manter a atenção, o interesse e os objetivos dos educandos. (RAMOS; OECHSLER, 2014, p. 92).

A partir da hora que a escola assumir esta postura poderá oferecer as mulheres estudantes da EJA uma oportunidade de emancipação. Sendo apenas uma escola tradicional e repetitiva da sociedade, excludente, as mulheres que fazem parte da EJA, que são pessoas de modo geral, trazem consigo crenças e valores arraigados não conseguirão enxergar a escola como um meio para subverter seu cotidiano de opressão e dominação. (LEONCY. 2013. p. 34)

O tradicionalismo do ensino está relacionado ao paradigma do exercício, onde, de acordo com Ramos e Oechsler (2014, p. 93), “[...] o professor expõe o conteúdo no quadro negro ou branco [...] e, em seguida, sugere aos alunos que resolvam os exercícios que estão no livro didático ou numa lista preparada por ele [...]”. Em contraponto temos o cenário para investigação, definido por Skovsmose (2000, p. 66 apud RAMOS; OECHSLER. 2014. p. 92) como “[...] um ambiente que pode dar suporte a um trabalho de investigação [...] no qual os alunos são convidados a se envolverem em processos de exploração e argumentação justificada.”

Debatendo objetivos e motivos, tratamos também de evasão, pois a escola não conhecendo seu público, não atendendo alguns dos desejos e objetivos, dos educandos, ou quando o aluno atingiu o êxito por ele esperado, o mesmo poderá se evadir da escola. Então, devemos perceber que essas situações refletem em alguns momentos o fracasso ou sucesso do sistema, e não somente como a desistência do aluno ou o sucesso do sistema, quando do alcance dos objetivos.

4. O CAMINHO DA PESQUISA

A pesquisa possui um papel importante nesta futura permanência já que o interesse por um assunto, no caso a permanência ou não permanência das alunas, e a busca por respostas

aparentemente simples podem mobilizar grandes esforços de educandos e equipes de educadores. (SILVA. 2014)

Com a finalidade principal de conhecer os motivos e objetivos do retorno das mulheres à escola na EJA unidade de Urussanga o estudo teve sua sustentação na pesquisa quali-quantitativa, sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, focando na presença do sexo feminino nesta modalidade de ensino e posteriormente na aplicação de um questionário misto as alunas da EJA de Urussanga.

Por possuir um questionário misto, a pesquisa demonstra o caráter qualitativo, pois possibilitou em diversos momentos a apresentação das ideias das alunas e desprende uma análise subjetiva que respeita as diferenças e semelhanças. Para Bicudo (2006. p. 106) o caráter qualitativo “engloba a ideia do subjetivo, passível de expor sensações e opiniões.”

Além de qualitativa ela se enquadra como quantitativa, pois trouxe a opção de mensura em números tanto na coleta quanto no tratamento das informações, utilizando-se técnicas estatísticas, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação, possibilitando uma maior margem de segurança (DIEHL, 2004). O método de análise de dados foi o de conteúdo, organizados por categorias e apresentados em porcentagem.

A pesquisa foi direcionada às mulheres matriculadas da EJA no ensino fundamental e médio, unidade de Urussanga, com idade mínima de 18 anos e que estavam cursando pelo menos uma disciplina no bloco A⁴ no primeiro semestre de 2015.

O projeto foi inicialmente apresentado direção da instituição, assim como o questionário, para que houvesse aprovação e autorização de aplicação do mesmo.

Como técnica de pesquisa e coleta de dados foi utilizada a opção do tipo questionário. Marconi e Lakatos (2003, p.201) definem o questionário como “[...] instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito.”

O questionário e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foram impressos e repassados a 20 alunas matriculadas e frequentadoras na EJA unidade de Urussanga, em dias e horários de aulas. Os mesmos foram respondidos e recolhidos na mesma data de sua entrega, assim evitando perda ou extravio dos questionários, agilizando a coleta de dados e obtenção de resultados.

⁴ Bloco A é relativo ao 6º ano do ensino fundamental e ao 1º ano do ensino médio.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com a aplicação do questionário com 15 questões mistas, a 20 mulheres estudantes na EJA unidade de Urussanga, houve a possibilidade de traçar o perfil socioeconômico das alunas da EJA, discorrendo também sobre variados aspectos da vida escolar dessas mulheres.

Das frequentadoras entrevistadas 50% estavam entre a faixa etária de 18 a 30 anos e 40% estão entre 31 a 40 anos, sendo que 95% do total se declaram de cor/etnia branca. Além disso, 45% das mulheres são casadas, 65% delas têm filhos, variando de um a três filhos.

Em relação ao trabalho 70% das frequentadoras trabalham, sendo que do total de entrevistadas 35% são as responsáveis pela renda principal da casa, enquanto outros 35% possuem o marido como principal fonte de renda. Além desses, pai e mãe também foram citados como fonte de renda da casa. Percebendo a grande quantidade de alunas trabalhadoras se entende que as mesmas possuem rotinas duplas, ou triplas de trabalho, algo comum as mulheres que lutam por melhores condições sociais. Essa rotina de estudantes-trabalhadoras têm as dificuldades potencializadas pela dupla ou tripla jornada que enfrentam, o que interfere no rendimento na escola e no trabalho, e as expõe também a alguns riscos ocupacionais como, por exemplo, os de acidentes de percurso. (ALVES, 2011. p. 51)

O casamento, a reprovação excessiva, o não gostar de estudar, o cuidado de um familiar, o trabalho, as dificuldades de condução foram os motivos citados como causadores da saída nos estudos regulares. Dentre esses, o casamento e o trabalho foram os mais citados. Sobre o trabalho é perceptível no discurso a necessidade de trabalhar e ajudar financeiramente a família como algo relevante na vida dessas mulheres. Em relação ao casamento uma das entrevistadas citou que casou e “o marido não aceitava que eu continuasse a estudar.”

Quando indagadas sobre a série que estavam quando do abandono escolar, 35% afirmaram que abandonaram em alguma série do ensino médio, 60% delas declararam que abandonaram durante o ensino fundamental e 5% delas, representando uma aluna, declarou que não parou, se formou no ensino médio, porém a escola fechou e a mesma não consegue retirar documentos comprovando a sua conclusão. Um fato a ser atentado é que das 20 entrevistadas apenas 04 estão cursando o ensino fundamental, o que comprova que 08 das 12 que declararam ter parado de estudar no ensino fundamental, concluíram o mesmo na EJA após o seu retorno.

Ao questionar as alunas sobre ter algum arrependimento de ter parado de estudar, 17 delas declararam que sim, e os motivos citados pelo arrependimento foram: “deixar os filhos em casa para estudar”, “falta de conhecimento escolar”, “dificuldade para arrumar emprego”, “poderia estar cursando uma faculdade”. Três mulheres declararam não ter arrependimento

por ter parado de estudar. Duas delas explicaram: “Não! Porque pra mim naquele momento aquilo era a coisa certa a se fazer, não tinha condições de continuar” e “Não, pois foi por pouco tempo (7) meses e nesse período foi bom para mim, pois me mostrou o quanto é importante estudar e não abrir mão do futuro.”

O arrependimento da desistência anterior no ensino regular aliado ao preconceito e a discriminação podem ser motivos, ou não, para a volta ao sistema escolar. O preconceito está ligado com a intolerância que os seres humanos cultivam em relação às condições que assumimos ou que somos forçados a assumir, defronte a sociedade: religiosa, sexual, econômica, educacional. No caso dessas mulheres especificamente neste momento, em relação a não formação educacional formal. A discriminação e o preconceito possuem significado teórico muito forte e, na prática, assume um significado que é extravasado pelos sentimentos, podendo provocar bastante prejuízo, tanto moral quanto sentimental às pessoas que são alvos de uma dada forma deste fenômeno. (MONTEIRO; RIBEIRO; SILVA. 2010. p. 3). Esse fato é percebido quando 70% das entrevistadas já sofreu ou se sentiu discriminada em algum momento. “A dificuldade para conseguir emprego sem o ensino médio”, “as piadas dos amigos e familiares”, “a vergonha de falar que não completou o 2º grau” e o “julgamento por ter parado de estudar”, são algumas das formas de preconceito e discriminação apontadas nas respostas do questionário.

A volta à escola se ocorreu por diversos motivos. Esse retorno exigiu quebra de barreira e paradigma, já que essas mulheres em algum momento abandonaram a educação formal por motivos já citados e que posteriormente tiveram que ser superados para garantia do retorno. O retorno à escola “significa um marco decisivo no restabelecimento dos seus vínculos com o conhecimento escolar, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade” (OLIVEIRA. 1996. p. 37). Das entrevistadas 40% declararam que retornaram pelo motivo de “Completar os estudos para arranjar emprego melhor”, 25% declararam retornaram pelo “Êxito Pessoal”, “Ser alguém na vida”, e os 35% restantes ficou dividido entre “Incentivo da família”, “Completar o ensino médio” e “Exemplos para os filhos”. Foi comum no discurso das mulheres a relação do “Ser alguém na vida” com a obtenção de um emprego melhor. As falas a seguir evidenciam isso: “Crescer profissionalmente, êxito pessoal”; “Garantir um futuro melhor para minha filha e tendo um emprego melhor”; “Vendo muitos estar trabalhando em um lugar e ganhando bem e eu fazendo trabalho duro e ganhando mal”.

Quando indagadas sobre quais os seus objetivos na EJA, 20,83% afirmaram que é “Completar o ensino médio mais rápido e fazer um curso técnico/profissionalizante”, 20,83%

“tem como objetivo “Completar o ensino médio mais rápido e continuar estudando (faculdade)”, 20,83% citaram que seu objetivo é “Completar o ensino médio rápido”, 20,83% tem como objetivo “aprender”, 8,33% afirmaram que é “Completar o ensino médio e ter um diploma”, 4,17% relataram como objetivo “Participar ativamente da vida escolar” e 4,17 tem como objetivo “Completar o ensino médio e arranjar um emprego”. Esses dados deixam claro a diversidade de sujeitos e suas singularidades em relação ao objetivo na EJA e ao mesmo tempo que entra em contradição com as palavras já citadas de Gonçalves (2014, p.11) que “os alunos têm objetivos diferentes para entrar, permanecer e concluir ou não a escola e o objetivo principal, não é necessariamente, a busca por certificações ou conclusão formal”.

Essa diversidade de objetivos vai exigir da escola uma preparação para que os alunos tenham seus objetivos atendidos, sendo ele a conclusão formal ou a participação ativa na vida escolar, garantindo assim a permanência dos mesmos na EJA. Essa preparação infelizmente não é notada em todas as escolas.

A diversidade de objetivos pode estar ligada a miscigenação cultural, e pode ser notada quando Bannel (2001, p.122) afirma “cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, que é plural, marcado pela diversidade de grupos e classes sociais, visões de mundo, valores, crenças, padrões de comportamentos, etc.[...]”.

Outro fato a ser notado é que quando perguntadas sobre o que as fez retornar a escola 40% delas declarou ter retornado para completar os estudos e arranjar um emprego melhor, porém quando indagadas sobre os objetivos após seu retorno apenas 5% citaram objetivos relacionados ao emprego. Durante a aplicação do questionário foi deixado claro que os motivos do retorno, eram relacionados à quando estavam fora da escola, já os objetivos após estarem na escola, o que demonstra que após começarem a frequentar as aulas os seus objetivos sofrem influencia do sistema escolar.

A relação do estudo com o trabalho é algo presente na educação em vários níveis, então, a necessidade da análise ontológica e histórica do trabalho e a integração do currículo na educação, já que uma das funções da escola é formar o cidadão para o trabalho.

O campo educativo, da escola básica à pós-graduação, no quadro do ajuste global, é, então, direcionado para uma concepção produtivista, cujo papel é o de desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e atitudes e de gestão de qualidade, definidas no mercado de trabalho, cujo objetivo é formar, em cada indivíduo, um banco de reservas de competência que lhe assegure empregabilidade. (FRIGOTTO, 2000, p. 34)

A palavra “rápido” apareceu em mais de 60% das respostas enquanto a palavra “aprender” foi citada em 20% das respostas. Esse fenômeno pode estar ligado a juvenilização

dos alunos da EJA, onde muitos buscam essa modalidade pelo fato de o ensino médio e fundamental poder ser finalizados na metade do tempo do ensino regular. Essa possibilidade, assim como a exclusão escolar, a repetência, como exemplos, fazem com que muitos alunos abandonem o ensino regular e, esperem completar idade mínima para procurarem a EJA posteriormente. “A forte presença de jovens nestas modalidades de ensino se deve, em grande parte, a problemas de não-permanência e insucesso no ensino “regular”.” (RODRIGUES, 2010, p. 100).

Os objetivos da volta à rotina escolar estão intimamente ligados ao que as alunas esperam e/ou desejam aprender na EJA. Em relação a essa questão, nas respostas apareceram diversos desejos de aprendizagens: “Algo que auxilie na minha profissão”, “um pouco de cada disciplina”, “o suficiente para me formar”, “A me relacionar com outras pessoas”, “Algo sobre as coisas do mundo”, “A escrever”, “O que não aprendi na escola regular”, “Aprender e ser preparada para uma faculdade” e “Sobre cálculos”. Tiveram maior incidência nas respostas, aprender um pouco de cada disciplina com 32%, aprender o suficiente para me formar e algo sobre as coisas do mundo com 16% cada e aprender o que não aprendi na escola regular com 11%.

Essas respostas transmitem e reforçam a ideia de que a EJA precisa ter a preocupação com a emancipação e contextualização, já que as alunas tem o desejo de aprender os conteúdos das disciplinas relacionados com sua rotina ou até mesmo aprender a conviver em sociedade. “Eu pretendo aprender as coisas de maneira que eu vejo o mundo” declara uma das alunas em sua resposta. Essa necessidade das alunas exige do professor uma formação e didática que consigam dar sentido ao que é ensinado. “Ser professor [...] para levar o aluno a aprender, é participar de decisões que envolvam o projeto da escola, lutar contra a exclusão social, relacionar-se com os alunos, com os colegas da instituição e com a comunidade do entorno desse espaço”. (ENS, 2006, p. 19).

Freire (ano) reforça a necessidade de se trabalhar partindo da realidade:

(...) discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 1997, p.30).

Outra aluna declarou: “gostaria de aprender tudo que não aprendi na escola regular e terminar meus estudos”. Essa declaração deixa clara a necessidade da EJA não ser uma repetição dos modelos didáticos da escolar regular.

A frequência na EJA e, posteriormente os objetivos com a EJA, podem ser interrompidos por algumas dificuldades encontradas pelos alunos frequentadores. Quando indagadas sobre as dificuldades de ir e permanecer nas aulas, 20% apontaram não ter dificuldade, 16% apontaram o transporte, 16% o cansaço físico, 12% o horário do trabalho, 8% o horário de início da aula, 4% a sala quente, 4% o nervosismo nas avaliações, 12% em deixar os filhos em casa, 20% não tem dificuldade, 4% a falta de concentração e 4% a dificuldade de aprender.

Além das dificuldades de ir à escola e permanecer nela, as alunas apontaram em suas respostas dificuldades encontradas especificamente em sala de aula, na relação aluno x professor x escola x colegas. Das entrevistadas 48% responderam não possuir dificuldades em sala de aula, 28% apontaram como dificuldade a didática ou despreparo do professor, 5% o uso do celular, 5% a conversa durante a explicação, 5% dificuldade na leitura e 9% citaram o calor das salas.

“Existe o despreparo dos professores, onde estamos em uma matéria e o assunto da aula é outro, será que não tem um plano de aula? Professor que quer dar em 2 meses o que daria em 1 ano sem interagir com os alunos” e “ Sim em algumas matérias os professores não se fazem por entender e nos complicam ainda nosso modo de pensar” são alguns dos discursos da alunas entrevistadas.

As respostas apresentadas em relação às dificuldades de ida, frequência e permanência na EJA deixam claro que ao atrair o adulto para a escola, é preciso garantir que ele não a abandone. O uso de material didático inadequado para a faixa etária, os conteúdos sem sentido, as metodologias infantilizadas aplicadas por professores despreparados e os horários de aula que não respeitam a rotina de quem estuda e trabalha são fatores que influenciam na evasão e automaticamente no não alcance dos objetivos por eles traçados na volta a rotina escolar na EJA. (SILVA, 2009, p. 21).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tríade mulher, educação e EJA é objeto de estudo atual de vários pesquisadores devido a sua íntima relação. Diante desse fato buscamos com a pesquisa justamente entender essa relação e identificar os motivos e objetivos do retorno a escola das alunas frequentadoras

da EJA Urussanga que podem influenciar na futura no alcance de objetivos e êxito das mesmas.

Como toda pesquisa algumas dificuldades foram encontradas. Uma delas foi organizar e atingir o máximo de público para aplicação e recolhimento dos questionários, já que o sistema utilizado na EJA unidade Urussanga é o presencial por disciplina o que provoca que os frequentadores não necessariamente estão todos os dias na escola. Existem alunos que frequentam uma única disciplina, conseqüentemente um único dia de semana está na instituição.

Outro ponto considerado foi o empenho e motivação das alunas em participar da pesquisa e responder o questionário. Nossa busca se deu em motivar o público a participar da pesquisa de forma plena, com respostas autênticas, pensadas e que expressassem a real situação destas alunas. Porém, foi percebido quando do tratamento dos dados, que muitas delas responderam de forma objetiva as questões ou não responderam algumas das indagações, utilizando apenas o sim ou não. Além disso, algumas das participantes constantemente entraram em contradição.

Observamos através dos resultados que os motivos das mulheres no retorno na EJA, estão principalmente, relacionados ao complemento do ensino básico para posteriormente arranjar um emprego ou um emprego melhor. As mulheres também apresentaram como motivo do retorno o êxito pessoal, o incentivo da família e o exemplo para os filhos. Esses motivos entram em contradição com os objetivos por elas apontados já que a maioria afirmou que seu objetivo é completar o ensino médio mais rápido e continuar estudando e uma pequena porcentagem apontou o acesso ao emprego ou um melhor emprego como objetivo.

A pesquisa serviu como um instrumento da EJA unidade de Urussanga em relação a mulheres frequentadoras, pois através dela, percebemos alguns dos objetivos e motivos que elas buscam na EJA e quais mudanças podem ser necessárias para a permanência das alunas nesta modalidade de ensino. Dentre as mudanças podemos citar, por exemplo, a melhora na situa

Por estar lecionando na Unidade da pesquisa e com algumas dessas mulheres, hoje em sala de aula encontro subsídios nos resultados da pesquisa para planejamento de minhas aulas, além disso, pretendo em um próximo momento apresentar esses resultados a direção da escola e ao corpo docente, para que o mesmo suscite uma discussão no planejamento dos professores integrantes da Unidade. Diante do cenário percebido é perfeitamente cabível um projeto de intervenção relacionado aos objetivos do retorno a escola das mulheres frequentadoras na EJA Unidade de Urussanga, assim como um aprofundamento na questão da evasão.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. F. **Características demográficas e ocupacionais do estudante:** Trabalhador de Enfermagem e o risco de Acidentes de Trabalho. Trabalho e Educação, Belo Horizonte, v 20, n.3, p.49-61, set./dez. 2011. Disponível em: https://zenodo.org/record/6775/files/Caracteristicas_demograficas_e_ocupacionais_do_estudante-trabalhador_de_enfermagem_e_o_risco_de_acidentes_de_trabalho.pdf. Acesso em: 29 mar 2015.

ARROYO, M. G. **Uma escola para jovens e adultos:** Reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da proposta de Reorganização e Reorientação curricular, São Paulo, 2003.

_____. **Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos.** In: Leôncio (org.) Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. (org.). **Da escola carente à escola possível.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. **Educação de Jovens e Adultos:** um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.19-50

BANNEL, R. I. **Formação discursiva do professor e a (re) construção crítica do saber pedagógico.** In. Movimento: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense nº. 4 Niteroi, Set. 2001.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa Qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica.** In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J.L. Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção tendências em Educação Matemática), p. 101-114.

CARDOSO, J. FERREIRA, M. J. R. **Inclusão e Exclusão:** o retorno e a permanência dos alunos na EJA. Debates em Educação Científica e Tecnológica, ISSN 2179- 6955, v. 02, nº. 2, p. 61 a 76, 2012. Disponível em <http://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/viewFile/47/27>. Acesso em: 05 ago 2014.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Um olhar de gênero sobre as políticas educacionais in Gênero e educação.** FARIA,Nalu; NOBRE, Miria, et all (orgs). São Paulo: Coleção Cadernos Sempre Viva, 1999.

ENS, R. T. **Significados da pesquisa segundo alunos e professores de um curso de Pedagogia.** 2006, 138f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa.24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FRIGOTTO, G. **A educação e a formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural.** In SILVA, L. H. (org.) *A escola cidadã no contexto da globalização.* Petrópolis: Vozes, 1998.

GONÇALVES, R. C. P. **Processos pedagógicos para permanência e êxito.** –Florianópolis: IFSC, 2014.

IBGE – Censos, contagem populacional, Pesquisa Mensal de Emprego/PME e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/PNAD-2006. Brasília.

LEÃO, G. M.P. **Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres.** Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a03v32n1>. Acesso em: 28 jan 2015.

LEONCY, C. E. T. **Mulheres na EJA: questões de identidade e gênero** – Campinas, SP:[s.n.], 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000919934> Acesso em: 28 jan 2015.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** 4. ed. São Paulo:Atlas, 1999.

MONTEIRO, P. M. A. RIBEIRO, A. K. S. SILVA, E. J. L. **O preconceito contra a condição de analfabeto: ainda uma questão presente.** Artigo. Disponível em: <http://www.catedraunescoeja.org/GT01/POS/POS010.pdf>. Acesso em: 29 mar 2015.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. RIBEIRO, V. M. (Org.). In: **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras.** São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Mercado das Letras, 2001, p. 15-44.

OLIVEIRA, M. C. **Metamorfose na construção do alfabetizando pessoa.** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS. 1996. Disponível em: www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/download/854/608+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 29 mar 2015.

ORO, A. C. WESCHENFELDER, R. C. S. STECANELA, N. **Mulheres e EJA: o que elas buscam?** 2010. Artigo. Disponível em <http://www.upplay.com.br/restrito/nepso2010/pdf/artigos/caxias/Artigo%20Mulheres%20e%20EJA%20-%20o%20que%20elas%20buscam.pdf>. Acesso: 28 jan 2015.

PROEJA-PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: **Formação Inicial e Continuada/Ensino Médio.** Brasília, Mec, 2001.

RAMOS, E. E. L. OECHSLER, V.. **Educação matemática e cidadania** – Florianópolis: IFSC, 2014.

RAMOS, E. E. L.; BREZINSKI, M. A. S. B. **Legislação educacional** – 2. ed. –Florianópolis: IFSC, 2014.

RIEGER, M. JESUS, I. A. **Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola.** Revista Eventos Pedagógicos v.2, n.2, p. 161–170, Ago./Dez.2011. Disponível: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/412/242>. Acesso em: 28 jan 2015.

RODRIGUES, D. J. F. **A juvenilização dos alunos da EJA e do PROEJA.** Artigo. 2010. Disponível em: www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/livros/article/download/3775/2116. Acesso em: 29 mar 2015.

SILVA, A.L. **Currículo Integrado** – 1. ed. – Florianópolis: IFSC, 2014.

SILVA, W. R. A. **O Professor como Agente na Reconstrução Educacional de Jovens e Adultos do Programa PROEJA.** Monografia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/eja/monografiawildima.pdf>. Acesso em: 29 mar 2015.

VALLE, M. C. A. **A leitura literária de mulheres na EJA.** Artigo. Belo Horizonte Faculdade de Educação da UFMG 2010. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8SKQDF/a_leitura_literaria_de_mulheres_na_eja.pdf?sequence=1. Acesso: 28 jan 2015.